

## Resenha de “Spinoza & Nietzsche: filósofos contra a tradição”

*Book review of “Spinoza & Nietzsche: philosophers against the tradition”*

Leonardo Mees\*

BARRETO, Ana Cláudia G.; BILATE, Danilo; BARROS, Tiago M. da S. (org.).  
*Spinoza & Nietzsche: filósofos contra a tradição*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

Quando o pensamento, no longo curso da história da filosofia, se dispõe a caminhar de encontro e contra aquilo que o desafia e o deixa, sempre de novo, inquieto e atinente a seu próprio ser (pensar), geralmente, esse caminho se torna travessia, um percurso de transformação: a tradição se metamorfoseia em novas expressões de pura vitalidade reflexiva. Isto porque o pensamento radical, como diz Nietzsche, se caracteriza por um contramovimento (*Gegenbewegung*, NF/FP 11[411] de novembro de 1887 – março de 1888, §4). O pensamento se torna radical, isto é, finca raízes em si mesmo, quando não se move mais em direção a um fim já dado e conhecido previamente, quando não considera “perda de tempo” deter-se, por instantes, em questões paralelas que surgem em seu percurso. Ir contra alguma coisa significa assim readquirir um novo olhar para a vasta paisagem do percurso, inclusive para aqueles calhaus estúpidos, que pareciam estornar e atrapalhar o caminhar. Ir contra significa assim não seguir na mesma mão do já sabido e conhecido, significa inverter a ordem usual de encaminhamento, acolhendo as provocações que vêm de encontro. É neste sentido, que os autores do livro “*Spinoza & Nietzsche: filósofos contra a tradição*”, também se dispõem a pensar o “contramovimento” destes dois grandes rebentos nascidos do curso transformador do pensamento. E, como tais pensadores, repetem, de forma cada vez singular, a dinâmica de contramovimento do pensamento transformador.

O livro “*Spinoza & Nietzsche: filósofos contra a tradição*”, organizado por Ana Cláudia Gama Barreto, Danilo Bilate e Tiago Mota da Silva Barros, consiste num empenho de tornar público e evidenciar um encontro de pensamento, que aconteceu e periodicamente acontece no Brasil. Sim, em nossa terra também há estudantes e

---

\* Doutor em filosofia pela UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato: [leonardo.mees@gmail.com](mailto:leonardo.mees@gmail.com)

professores de filosofia dispostos a caminhar contra e de encontro às transformações históricas do pensamento! Esse livro é testemunho disso. Ele reúne uma seleção de quatorze textos das comunicações apresentadas no *II Congresso Internacional Spinoza e Nietzsche*, realizado no final de 2009 e coordenado pelos professores André Martins (UFRJ), Homero Santiago (USP) e Luís César Oliva (USP). Este “encontro” de filosofia congregou mais de cem apresentações de pesquisadores – professores, doutorandos e mestrandos – de diversos estados do Brasil e de diversos países, com um público de cerca de 250 pessoas, em sua maioria pesquisadores e estudantes, de diversas áreas das ciências humanas. Esta iniciativa de publicação das comunicações seletas do *II Congresso Internacional Spinoza e Nietzsche* não só estende e amplia o espaço de “encontro” com a transformação do pensamento para além do âmbito restrito dos laboratórios acadêmicos, mas, deste modo, também convoca o leigo leitor a conhecer e, quiçá, tomar parte dos experimentos de releitura da obra destes dois filósofos, “encontradores” e contraditores das verdades tradicionais.

Processando sua preferência temática, através da escolha de uns artigos agora e outros depois, o leitor acaba sendo introduzido no curso provocador do pensamento, descobre-se também como alguém que vai contra e ao encontro de uma de tradição (*tradictio*), de algo que é transmitido (*tradtum*) de articulação em articulação, até flexibilizar todo o corpo do livro. Os organizadores do livro levaram em conta essa dificuldade de introdução, por parte do leigo leitor, no contramovimento de Spinoza e Nietzsche, propiciaram, por isso, uma divisão da obra em “eixos temáticos” de contradição, a saber: 1) contra a transcendência; 2) contra a unicidade; 3) contra a servidão. Já nisso, se evidencia que há aqui, de fato, um contramovimento: ao invés de pensar de acordo com a visão teleológica tradicional, que encaminha tudo para um *grand finale*, encaixotando todo artigo funcionalmente dentro de um sistema unificador, a concepção do livro mostra que existem vários atributos possíveis no curso de substantivação do pensamento. Acionado e mobilizado assim por seus artigos, cada eixo temático concede, em verdade, uma circunavegação em espiral para dentro de uma região de encontro (*contrée*). Os eixos temáticos são as *vastes contrees* dos problemas da transcendência, da unidade e da servidão: os lugares de confrontação com a tradição filosófica.

Na **primeira** região de confrontação, intitulada “contra a transcendência”, os artigos giram em torno da crítica de Spinoza e Nietzsche à metafísica, concebida aqui literalmente como aquela teoria filosófica que postula a existência de outro mundo. O

problema dos modos não existentes, do vazio e do aleatório na filosofia de Spinoza e a questão do niilismo, da ética e da vontade de vida em Nietzsche são lugares obrigatórios de travessia para se alcançar o teor deste contramovimento à metafísica. A **segunda** região de encontro (*contrée*), por alocar-se “contra a unicidade”, abrange uma problematização da postura que crê na universalidade de uma verdade absoluta. Contrariando esta postura, os artigos refletem sobre o princípio de causalidade e a noção de perspectiva e temporalidade em Spinoza e, por outro lado, enfocam o antiplatonismo de Nietzsche, sua crítica à hipocrisia e o problema da insuficiência semântica da comunicação. O **terceiro** eixo temático do livro, “contra a servidão”, circunda a região de confrontação com a visão tradicional do homem em sociedade, seus artigos versam sobre a relação entre indivíduo e sociedade, reunindo apontamentos sobre sistemas políticos ou meios de conduta que valorizam a singularidade. Com Spinoza, os artigos promovem o encontro e a contradição da compreensão política de democracia, de maquiavelismo e de multidão e, com Nietzsche, encontram uma pátria e uma possibilidade de grande saúde na “solidão”.

À medida que gira em torno das regiões (*contrées*) de encontro e contradição, com os temas “transcendência, unicidade e servidão”, o livro “*Spinoza & Nietzsche: filósofos contra a tradição*” abre verdadeiramente a vasta paisagem da confrontação de Spinoza e Nietzsche com a tradição filosófica. Podemos perceber que, embora separados pelo tempo e com expressões literárias distintas, Spinoza e Nietzsche posicionaram-se como antípodas de toda uma tradição filosófica que acreditava no livre-arbítrio, na existência das causas finais, na existência de uma realidade transcendente ou mesmo na eternidade dos valores morais. Vale por fim reafirmar, com os autores, o pensamento imanente tanto de Spinoza quanto de Nietzsche: ambos se colocaram contra a noção tradicional de transcendência, concebendo a própria vida do pensamento como uma possibilidade de encontro. “Ambos são contra a ideia transmitida pela tradição de que a verdade é universal, absoluta e sustentada metafisicamente. Ao contrário, para eles a verdade é plural e múltipla e não mais uma e transcendente” (p. 14). O livro “*Spinoza & Nietzsche: filósofos contra a tradição*” ilustra e testemunha assim o desafio histórico de ir de encontro e contra a “torrente (*Strom*) inquieta, violenta e precipitada”, “o movimento tenso e torturante, que, a todo custo, desde há muito, quer chegar a um fim, quer logo alcançar o ponto catastrófico de uma derradeira ruína” (NIETZSCHE, NF/FP 11[411] de novembro de 1887 – março de 1888, §2). Ousando publicar suas reflexões sobre o contramovimento de Spinoza e

Nietzsche, os autores do livro não têm receio de se porem à margem do fluxo desenfreado do niilismo, meditando o sentido (*besinnen*) dos conceitos de transcendência, unicidade e servidão. Para poder atravessar, descrever e pensar este movimento de irreflexão torrencial do niilismo, eles também dirigem na contramão deste fluxo e, somente indo de encontro e contra este fluxo, somente ouvindo o contramovimento desta torrente de irreflexão histórica, eles encontram sua possibilidade de pensamento, de meditação e ponderação daquilo que se sente e do que se deixa de sentir na tradição. Que o leitor também encontre, nos espaços de confrontação deste livro e em seu contramovimento de meditação de sentido (*Besinnung*), sua própria possibilidade de superação do niilismo.

Recebido em: 20/11/2011 – Received in: 20/11/2011  
Aprovado em: 15/12/2011 – Approved in: 15/12/2011